

Quando se quer gravar

Quando se quer gravar

Quando se quer gravar

Quando se quer gravar

Quando se quer gravar

Ana Margarida Sousa
Darya Lytvynets
David Lopes
Diana Trindade
Filipa Tojal
Filipe Cerqueira
Juliana Sá
Tiago Madaleno

Quando se quer gravar

Galeria dos Leões

15.04-08.05

A exposição concretizada em duas partes, trata da mais recente exploração da GRAVURA em contexto académico da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) e da sua permanência como meio para comunicar. Podemos simplesmente passar o tempo a desviar-nos dela, considerando-a uma presença marginal, que não tem muito a dizer-nos; pensar que é desnecessária, tal o embaraço tecnológico que nos provoca; podemos passar por ela como uma experiência, intermitente, inconsistente; podemos dela abdicar nesta necessidade de eficácia que trata tudo o que exige tempo com desprezo; podemos mesmo pensar nela como uma colónia de outras grandes perguntas, feitas a partir da pintura, do desenho, da escultura, do design.

E contudo, temos muito a aprender com ela, a começar pelo facto de ter nome, e em português se designar de GRAVURA, mesmo quando nela se incluem técnicas como a serigrafia, a litografia. Logo, como deve ser reconhecida não apenas como uma expressão ocasional, mas sim com uma estrutura autónoma fundada em milhares de séculos de história. Ou do modo como persiste nos mais essenciais atos de marcação, metamorfoseando-se ao mesmo tempo que cada um a retoma em sofisticados protocolos de produção. Em todas, uma prática baseada numa intermediação ou recuo de consciência sobre a construção da imagem.

Há que compreendê-la não simplesmente como uma possibilidade de reprodução, ainda que esta seja a condição de partida. A GRAVURA permite-nos explorar o desejo de deixar marca física, seja esta frágil ou forte, e repeti-lo. Na verdade, ela destapa um limite difícil de possibilidades expressivas, muitas das quais dependentes de formas de compromisso e colaboração, que se reforça nas dinâmicas específicas de um contexto relacional localizado numa oficina de GRAVURA. A questão da arqueologia é ainda, sempre, motor da procura e passa por esta continua reconfiguração formal, mas intuitiva, de processos muitas das vezes com um passado comercial, eficiente, tautológico, recuperados e colecionados em contexto institucional.

Se a ideia de GRAVURA é a moldura essencial da exposição, verifica-se o seu ângulo na FBAUP, quando aborda a especulação sobre a imagem criada a partir de dispositivos mecânicos de origem fotográfica ou digital. Aí, através des-

tes, a vontade de reprodução e replicação eficaz, de literalidade, cede ao apagamento dos processos de produção de imagem inscritos e expõe a importância da narrativa numa produção comprometida pela relação com o livro ou o cartaz, a série, e sempre, o interesse pelas propriedades físicas dos materiais habituais nas oficinas. Podemos olhar o trabalho em GRAVURA a partir do recurso sistemático ao resto tecnológico, usado numa prática que verifica a necessidade de uma matriz tangível – em metal, madeira, seda, pedra, plástico, cartão – com a qual responder ao desejo de tocar, de evocar, de representar, através de matéria, de tempo, de meditação, de sensações, de resultados recolhidos. Sem dúvida de memória, fotográfica diríamos, das estruturas visíveis deixadas diretamente numa matriz, como uma metáfora da sua perenidade processual, estabilizadas através de tintas impressas sobre papel. Até ao estado seguinte.

Os trabalhos selecionados, condensam as ideias de GRAVURA testadas e diferentes tipos de experiência verificadas ao longo dos processos de aprendizagem. Ou a sua projeção em contextos autorais. No modo como exploram e desafiam condições gráficas com a presença efetiva dos materiais, e forte interpelação do corpo, o verbo gravar imposto no título da exposição sugere a enunciação poética, procura sempre outras formas de fazer. Seja por deposição, incisão, permeação, perfuração, corte, o que aqui se compreende, é uma ideia de exposição à GRAVURA, premiada pela sua autonomia plástica.

Desde o seu arranque, a Galeria dos Leões, esteve associada à afirmação desse território, permeável, mas autónomo, quando aí se organizaram várias exposições de gravadores. Nesse sentido, terminar a sua programação a pensar na GRAVURA não espanta. Apenas completa o entendimento do papel dos espaços, sejam eles uma oficina, ou uma galeria. Ambos, são o lugar apropriado para descodificar o que pode estar erradamente cristalizado: uma ideia de GRAVURA e as questões que a ela se associam.

Graciela Machado